

A RECUPERAÇÃO DO CATALANISMO DURANTE A DITADURA FRANQUISTA (1945-1960)

LUCAS DE OLIVEIRA KLEVER*

RESUMO

Este trabalho pretende analisar, através de pesquisa em fontes impressas e de uma análise crítica dessas fontes, o discurso de reconstrução da catalanidade através de seus intelectuais nacionalistas, pesquisadores e colaboradores. Especificamente, será abordada a visão de Jordi Pujol e de outros intelectuais sobre o projeto nacionalista de recuperação da Catalunha no pós-guerra. Tal estudo será feito por meio de um exame dos estudos (livros, teses, artigos) sobre o tema, publicados por uma série de autores, como Janete Silveira Abrão, José Álvarez Junco, Montserrat Guibernau, Xosé Manuel Núñez Seixas. Será também analisado o contexto que levou a necessidade deste projeto de recuperação da Catalunha, durante o regime franquista e as tentativas de reconhecimento do Estado Catalão como nação perante o mundo, clamando por justiça. O contexto do período é de extrema importância, visto que o franquismo sobreviveu às ditaduras, muito mais do que os seus antigos aliados nazifascistas. Visamos entender como os intelectuais utilizaram-se de uma militância política e realizaram seus estudos, posteriormente utilizados para enaltecer o nacionalismo catalão. Pretendemos também verificar a importância da obra de Pujol, escrita em 1958, "*Fer poble, fer Catalunya*", que veio a ressaltar a enfermidade da Catalunha como geradora da guerra. Assim, o tema é de grande importância para a análise do discurso nacionalista Catalão, pois foi abordado por diversos autores e é presente nas discussões políticas até hoje..

Palavras-chave: Ditadura Franco; Catalunha; Nacionalismo Catalão.

ABSTRACT

This work intends to analyze, through research of printed sources and a critical analysis of those sources, the discussion of Catalanian recovery, among their nationalist intellectuals, researchers, and contributors of the field. Specifically, the vision of Jordi Pujol and other contributors about the nationalist recovery project of Catalonia after the war. This will be achieved through an examination of studies (books, theses, articles) about the subject published by a series of authors, like Janete Silveira Abrão, José Álvarez Junco, Montserrat Guibernau, and Xosé Manuel Núñez Seixas. It will also be analyzing the reasons for the necessity of a recovery project of Catalonia, during Franco's regime and the attempts of recognition from the Catalan State as a nation among the global community, calling for justice. The context of the period is extremely important, since francoism survived the dictatorships, much more than their old nazi-fascist allies. We aim to understand how the intellectuals used a political militancy and realized their studies, subsequently used to emphasize Catalan nationalism. We also take the importance of Pujol's book into consideration, written in 1958, "*Fer poble, fer Catalunya*", which showed the "disease" of Catalonia as a creator of the war. The subject is very important for analyzing the discussion of Catalanian nationalism, due to its coverage by many authors and the presence it has in today's political debate.

Keywords: Franco's Dictatorship; Catalonia; Catalan Nationalism.

*Mestrando em História pelo Programa Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Email: lucas.klever@acad.pucrs.br

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

Uma Introdução ao Tema: A Crise do Pós-guerra Relacionada à Segunda República e à Ascensão da Repressão de Franco

Este trabalho pretende analisar, através de pesquisa em fontes impressas e de uma análise crítica dessas fontes, o discurso de reconstrução da catalanidade através de seus intelectuais nacionalistas, ou seja, da reação intelectual frente à repressão, fragmentação, abordando especificamente a visão de Jordi Pujol. Para isso, é importante compreender como ocorreu a crise identidade, repressão e a fragmentação da Catalunha durante a ditadura Franco. O final da Segunda Guerra Mundial (1939-45), trouxe uma crise de identidade para a geração do pós-guerra, fator observado por diversos intelectuais, como o nacionalista Pujol. A justificativa do corte cronológico explica-se pelo final da guerra em 1945 e a crise gerada como uma das consequências das imposições e antagonismos políticos, religiosos, ideológicos, causados pelo regime franquista. E nos anos 50 e 60, o acirramento dos problemas do regime e da Catalunha. Tal regime foi responsável por anular qualquer disparidade na identidade coletiva da Espanha através da força do autoritarismo. O problema, segundo José Álvarez Junco, vinha da tentativa tardia da Segunda República (1931-1936) de realizar reformas, reforçando o Estado, fomento à educação e a redistribuição de terras, provocando uma série de tensões que resultaram no golpe militar e na sangrenta guerra civil. O quadro piorou quando obteve apoio do conturbado contexto internacional, através dos dois grandes polos daquele período, o fascismo e comunismo.

Así, que las tensiones povocaron “[...] una amplia coalición de todas las fracciones del conservadurismo: el mundo católico, asustado por la secularización moderna; los círculos de poder económico más tradicionales, horrorizados ante la ‘revolución social’; y el ejército, a quien se apelo como salvaguardia frente a aquel ‘separatismo’ que los militares tanto detestaban”.

Podemos verificar na citação acima as tensões resultantes das propostas da Segunda República. Estas tensões provocaram uma união do conservadorismo, junto aos interesses econômicos tradicionais, que utilizaram do Exército para “salvar a Nação”. A solução (“salvação”) para o clima de crise era clara, o golpe militar. O golpe militar tratou de organizar as tensões, com um governo forte, centralizador, autoritário, impedindo as disparidades das regiões e a fragmentação da “Nação Espanhola”. O General Francisco Franco surge em 1939 no meio dessas tensões e do caos da infraestrutura, segundo Janete Silveira Abrão², como aquele que instaura forte repressão, realizando a supressão das disparidades culturais, acabando com a livre expressão e busca do seu ideal de criar uma Nação sem diferenças.

A Catalunha já vinha sofrendo desde 1938, quando teve seu Estatuto de Autonomia (1932) anulado. Este estatuto era de extrema importância para garantia da “oficialidade” da língua catalã, além de questões jurídicas e de administração local diferenciadas para a Catalunha. Em contraponto, o estatuto também trazia problemas, pois impedia uma grande autonomia no campo da educação, finanças catalãs, sendo estes resultantes das restrições impostas pelos republicanos no ato de aprovação, conforme afirma Abrão³. A Universidade Autônoma da Catalunha também não existia mais, tendo seus professores e organizadores, exilados. Segundo os estudos de Junco e Abrão⁴, podemos observar que o general Franco

1 JUNCO, José Álvarez. *Mater Dolorosa: La Idea de España en el Siglo XIX*. Madrid: Taurus, 2001, p. 604 apud ABRÃO, Janete Silveira. *Nacionalismo Cultural y Político: La doble cara de un proyecto único: Cataluña*. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2007, p.201.

2 ABRÃO, *op.cit.*

3 *Idem*.

4 JUNCO, *op.cit.*; ABRÃO, *op.cit.*

não tinha o objetivo de acabar apenas com as instituições da Catalunha, o projeto era acabar com qualquer concepção de identidade coletiva diferente, em termos linguísticos e culturais. O Estado autoritário e centralizador teve papel fundamental na garantia deste projeto nacional. Josep Piñol, citado por Abrão, afirma que o aparelho repressivo não tinha limites, instaurou-se a tortura, campos de concentração, fuzilamentos e exilou-se qualquer um que fosse contra, inclusive militares. Tal pensamento fica claro na seguinte citação:

No se há de olvidar que la gran mayoría de los políticos, intelectuales y líderes sindicales republicanos y de izquierda, y gran parte de la oposición al régimen dictatorial, marcharon rumbo al exilio, o acabaron por ser internados en los campos de concentración⁵.

A volta da democracia era vista como distante por diversos fatores, dentre os quais cabe ressaltar a divisão dentro do próprio Estado catalão, entre aqueles que apoiaram o regime franquista e aqueles que realizaram forte resistência, como os próprios intelectuais abordados na segunda parte deste artigo. Segundo Xosé M. Núñez Seixas esta divisão dentro do catalanismo se dava entre os conservadores (franquistas) e republicanos, de esquerda (fiéis à República). A consciência nacional, *avant la lettre* da Catalunha era abalada tanto pela repressão de Francisco Franco quanto pela divisão dos seus próprios integrantes, que acabavam por questionar sua própria identidade. Na opinião de Abrão, ocorria uma crise de identidade, derivada da divisão dos vencedores e vencidos após a instauração do franquismo, como podemos observar na citação abaixo:

Se puede afirmar también que la división entre los catalanes que aceptaron, sometieron se o apoyaron el franquismo, y los catalanes fieles a la República y al catalanismo, resultó en la crisis de identidad de la pós-guerra que acabaría por desvelar la fragilidad de la conciencia nacional em Cataluña⁶.

O franquismo, segundo Xosé M. Núñez Seixas, na tentativa de impor uma identidade espanhola, também criou um programa de renacionalização no âmbito da educação e da propaganda oficial do regime, através de exaltações patrióticas e da criação de um *checklist*⁷ com datas e símbolos oficiais, por exemplo: “o dia 18 de Julho, aniversário do chamado levantamento contra a II República, o dia 12 de Outubro, dia da hispanidade, etc”⁸. Também levaram estes símbolos ao futebol e aos eventos nacionais; entretanto, o êxito deste programa foi limitado, como veremos adiante.

A Reação Intelectual da Catalunha e as Formas de Resistência

A resposta ao autoritarismo e a repressão instaurada foi rápida na Catalunha, com a ajuda de escritores, intelectuais, como: Salvador Giner, Jordi Busquet, Núria Bultà, Lluís Flaquer. Tivemos nesse período diversas produções clandestinas destes e outros autores que refletiam, questionavam a decadência do país frente ao governo autoritário de Franco. Ao mesmo tempo, tornavam-se referências teóricas para o catalanismo. Podemos citar

5 ABRÃO, *op.cit.*, p.204.

6 *Idem.*

7 Conceito de “*checklist*” foi cunhado por THIESSÉ, Anne-Marie. *La création des identités nationales. Europe XVIIIe - Xxe siècle*. Paris: Seuil, 1999.

8 NUÑEZ SEIXAS, Xosé Manuel. Os nacionalismos na Espanha contemporânea: uma perspectiva histórica e algumas hipóteses para o presente, *Análise Social*, vol.xxx (131-132), 1995, p.516.

algumas das obras publicadas e editadas neste período: *La moral de la desfeta*, de Carles Cardó (1940); *Grandesa i miseria del sentiment nacional*, de Carles Pi i Sunyer (1941); *El futur de Catalunya i els deures polítics de l'emigració catalana*, de Jordi Arquer (1943); *Las formas de vida catalana*, de Joseph Maria Ferrater Mora (1944); *La formación de los pueblos de España*, de Pere Bosch i Gimpera (1945), entre outros, responsáveis por dar uma resposta rápida à repressão instaurada pelo regime autoritário de Franco⁹. Dessa forma, é interessante pensarmos como, em meio ao genocídio cultural provocado por Franco no seu projeto de “unidade nacional”, houve uma grande reação intelectual que refletia o catalanismo, além da história do país. Tal ideia é clara nos exemplos acima, assim como na seguinte citação:

[...] esta circunstancia de castigo, persecución, genocidio cultural o, como mínimo, marginación sistemática de la cultura em Cataluña, provoco una notable reacción intelectual por parte de ciertos catalanes, que entre 1939 y 1960, aprovecharon la triste situación para reflexionar sobre la naturaleza del país, su historia, su talante y el comportamiento de sus hijos¹⁰.

A resistência também criou o *Consell Nacional Català*, em Londres, dirigido por Carlos Pi y Sunyer, ou seja, intelectual responsável por escrever obras de resistência, obtendo apoio de outros intelectuais como Josep M. Batista i Roca, Serra i Moret, Josep Carner. Vale ressaltar que a ideia do *Consell Nacional Català* surgiu primeiramente com Lluís Companys i Jover, responsável pela criação do Conselho na França, antes da ocupação nazista, depois extinto. Este órgão defendia a volta da Constituição e do Estatuto de 1932, assim como um governo autônomo para a recuperação da Catalunha. Em 1940, também foi criada a *Front Nacional de Catalunya (F.N.C)*, responsável por auxiliar os aliados e facilitar a saída da Península daqueles que fugiam do regime de Vichy. Já em 1945, formou-se outra organização de resistência em Barcelona, denominada Consell Nacional de la Democràcia Catalana pelo ex-exilado Josep Pous i Pagès, segundo Abrão¹¹. Vale ressaltar que tais organizações tiveram pouca força frente à repressão interna que abafou o papel dos intelectuais e a maioria estava no exílio. A resistência, sem sucesso, tentou restaurar a força do Estado catalão, ou seja, a recuperação do sentimento de catalanidade ainda estava em andamento.

A resistência internacional ganhou grande força com o final da Segunda Guerra Mundial em 1945, quando começaram os questionamentos ao nazi-fascismo e as relações de Franco com a Alemanha e Itália, nazista e fascista, respectivamente. A resistência ganha força, obviamente, através da vitória das democracias liberais. As relações entre Franco e estes países ficam claras na citação abaixo, pois Preston afirma que apesar da propaganda de uma suposta neutralidade a Espanhola, a cooperação entre os países era clara com o envio matérias primas, a presença propriedades do governo nazi na Espanha, além das declarações de apoio ao Eixo.

A pesar de la propagada neutralidad durante la Segunda Guerra, Franco no podía negar sus relaciones especiales con la Alemania nazi (suministro de materias primas estratégicas a este país em la etapa final del conflicto, por ejemplo), con la Italia fascista y con los colaboracionistas de Vichy, con las propiedades que el gobierno y el partido nazi tenían en España, así como sus declaraciones de apoyo a las potencias del Eje, tan sabiamente criticadas por Churchill em el año de 1944¹².

9 Cf. GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: Ed. Mapfre, 1992.

10 GINER, S.; FLAQUER, L.; BUSQUET, J.; BULTÀ, N., *La cultura catalana: el sagrat i el profà*. Barcelona: Edicions 62, 1996, p.78 apud ABRÃO, Janete Silveira. *Nacionalismo Cultural y Político: La doble cara de um proyecto único: Cataluña*. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2007, p.203.

11 ABRÃO, *op.cit*.

12 PRESTON, 1944, p.650 apud ABRÃO, Janete Silveira. *Nacionalismo Cultural y Político: La doble cara de um proyecto único: Cataluña*. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2007, p.206.

Segundo ABRÃO¹³, a Organização das Nações Unidas (ONU) teve papel fundamental em levantar estes questionamentos e condenar o franquismo internacionalmente, além de impor uma política de isolamento econômico e diplomático em relação à Espanha. A pressão foi tão grande que em 1946, a ONU foi contra a entrada da Espanha na organização devido ao contexto do final da Segunda Guerra Mundial e a imagem vinculada ao franquismo. Franco considerava aqueles que o questionavam como inimigos da Nação, na sua opinião, a verdadeira conspiração comunista. A solução frente aos questionamentos foi abandonar símbolos que ligavam o regime ao nazi-fascismo, além de uma “nova justificativa”¹⁴, agora focada no catolicismo como corrente ideológica. Ou seja, através da fé cristã seria constituída a nação espanhola.

Inclusive, no ano anterior, em 1945, na Conferência sobre Organização Internacional em São Francisco na Califórnia, colocou-se em pauta o problema do Estado catalão. Este, tinha seus defensores, que afirmavam que não deveria ser deixado de lado por tratar-se de uma questão interna do regime, mas sim um problema muito maior, envolvendo o conflito entre a Catalunha (nacionalidade oprimida) e a Espanha (opressora com Franco), ou seja, um problema de toda a Europa. Por isso, a delegação enviada deixou clara a questão da Catalunha e como não seria resolvida, visto que o juiz era o opressor, tornando a recuperação impossível:

[...] Clasificar la cuestión catalana entre los problemas internos del Estado Español es nominar el opresor de Cataluña único juez y jurado en una causa em que el juez es parte. Ni Cataluña ni ninguna otra nación oprimida no puede opresar justicia de su propio opresor¹⁵.

Nesta corrente católica do pós-guerra, a nação e o povo espanhol sofriam uma mudança: “transformando los españoles em el “pueblo elegido por Dios” (lo que no es exclusividad de España, vide lo nacionalismo fundamentalista cristiano em Estados Unidos y el nacionalcatolicismo en Polonia)”¹⁶. Ou seja, tornavam-se o povo escolhido por Deus e tinham uma reinterpretação da sua justificativa. Esta, de extrema importância, pois garantiu a permanência do regime como uma forma de se afastar das imagens deixadas pelo nazi-fascismo. Era a legitimação moral que faltava ao regime, inclusive como fator constitutivo da sua identidade nacional. Este *nacionalcatolicismo* apesar de obter sucesso no âmbito de impedir a derrubada do regime, falhou terrivelmente junto à repressão estatal em impedir a coesão dos nacionalismos periféricos, como no caso da Catalunha e do país Basco. Ideia clara no pensamento de Xosé M. Núñez Seixas (1995):

[...] não conseguiu impor-se nem eliminar os nacionalismos periféricos. Bem pelo contrário: a presença real de uma opressão estatal que procurava reduzir não só os nacionalismos periféricos a uma expressão mínima, mas também às suas manifestações culturais – e sobretudo à perseguição da promoção das línguas, embora revestisse um carácter particular e não conseguisse evitar a sua utilização em certos âmbitos – deu, a ideia real de “ocupação espanhola” nalgumas zonas – especialmente presente no País Basco e na Catalunha – e contribuiu para a coesão das comunidades nacionalistas catalãs e bascas¹⁷.

Como podemos observar acima, a fraqueza do projeto nacionalizador do franquismo

13 ABRÃO, *op.cit.*

14 Tal solução voltada para o nacionalcatolicismo também foi adotada por António de Oliveira Salazar, em Portugal, durante o regime do Estado Novo (autoritário, corporativista, autocrata), como uma forma de desvincular os símbolos do regime do nazi-fascismo e das críticas internacionais.

15 APELLACIÓ A LES NACIONS UNIDES, Conferencia sobre Organización Internacional San Francisco, Califórnia, abril de 1945, p.13.

16 MARSDEN, G., 1980 apud ABRÃO, Janete Silveira. *Nacionalismo Cultural y Político: La doble cara de un proyecto único: Cataluña*. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2007, p.208.

17 NUÑES SEIXAS, *op.cit.*, p.515.

frente aos nacionalismos periféricos, acabou por reforçar a resistência interna da Catalunha e do país Basco, além dos seus próprios intelectuais, que buscavam recuperar o sentimento catalão para a reconstrução da “nação”.

A Ascensão de Jordi Pujol i Soley

Jordi Pujol i Soley foi definido como um intelectual, político, nacionalista catalão, ideólogo, estadista, liberal, populista, conservador, de centro-esquerda, socialdemocrata, humanista cristão, todas estas definições são apontadas por Pere Cullèll em seu livro de 2003, *“Què direu de mi. Pujol vist pels seus contemporanis”*, citadas nos estudos de Janete Abrão. No século XX, Pujol tornou-se uma das lideranças mais marcantes do nacionalismo catalão. A maioria das obras publicadas para confrontar o autoritarismo de Franco foi lida por Pujol, ou seja, “bebeu na fonte” destes intelectuais catalães. Algumas de suas leituras, segundo Abrão¹⁸ eram: Carles Cardó, Francesc Mapons i Anglasesell, Ferrater Mora, Jaume Vicens i Vives y Josep Armengou i Feliu, ou seja, autores que refletiam além da história da Catalunha, abordando as questões sobre nação e nacionalismo. A recuperação dos pensamentos da época foi de extrema importância para influenciar o pensamento de Jordi Pujol, resgatando a catalanidade que tinha sido colocada em segundo plano ao longo de diversos anos. E agora, durante o regime de Franco, a identidade diacrítica do povo catalão acabava por se tornar inferiorizada frente à repressão e a imposição de uma suposta “identidade nacional”.

Pujol, em 1945, quando cursava Medicina na Universidade de Barcelona, fez uma série de amizades com participantes de instituições católicas e ligadas ao catalanismo¹⁹. Dessa forma, desde o início dos seus estudos, foi um militante nacionalista, leitor de intelectuais catalães, indo contra o franquismo e seu forte autoritarismo. É importante notar que Pujol não fugia a uma tendência da organização estudantil da sua época. Ou seja, observou o totalitarismo dos anos 30, quando muitas organizações estudantis foram a favor no pós-guerra, da reconstrução de uma Europa democrática. Já em 1980, quando defendeu a integração na Comunidade Europeia, pregava a construção democrática da Espanha no contexto cultural, político e econômico, o que acabou por concretizar-se com a entrada da Espanha na União Europeia em 1986²⁰.

Tanto no campo político, quanto no cultural e de ação, destacou-se o papel de Pujol. No tempo da Universidade, por exemplo, colocavam-se bandeiras catalãs nas paredes do local de ensino, qualificadas como “subversivas” pela repressão, segundo os estudos de Janete Abrão²¹ e as próprias palavras do autor nos seus escritos da época. Também participou no Grupo de Resistência de *Torras i Bages*, este marcado pela influência catalã, católica e democrática. Jordi Pujol, tinha consciência da existência de nacionalismos e não de uma doutrina nacionalista, pois acreditava no nacionalismo, diferente daquele do povo dominado, imposto pela ditadura. O problema, segundo Pujol, estava na descrença da Europa em relação aos nacionalismos, que na década de 1970 eram ligados à imagem do fascismo e do nazismo. A democracia liberal e o totalitarismo de esquerda eram relacionados ao nacionalismo, principalmente durante a confrontação ideológica da Guerra Fria (Estados Unidos *versus* União Soviética)²².

18 ABRÃO, *op.cit.*

19 Algumas das suas amizades, segundo Abrão, eram: Pere Figuera, Josep Maria Ainaud, Joan Reventós, Jaume Carner, Ernest Raguier, Robert Comet.

20 GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

21 ABRÃO, *op.cit.*

22 *Idem*, p.220.

Em 1950, acaba por abandonar o grupo de resistência, alegando estar decepcionado com a política, visto que o egoísmo de alguns impedia a recuperação da autonomia da Catalunha. Apesar da saída de Pujol, o grupo *Torras i Bages* faz uma grande conquista em 1953, reunindo as entidades confessionais de cunho catalanista, numa espécie de plataforma à favor da reconstrução, recuperação, da catalanidade:

En 1954, se celebra la primera asamblea em Montserrat, que reúne a representantes de los grupos catalanistas y entidades católicas, así como a las comunidades de base, entre ellas, la *Acción Católica*, las *Congregaciones Marianas* y la *Academia de la lengua*, el *Grupo Torras i Bages*; la *Congregación de Virtèlia* (representada por Jordi Pujol), las delegaciones escolta, *Pax Christ*, los *Lluïsos*, la *OCPD (Orientació Catòlica i Professional del Dependent)*, la *Lliga Espiritual de la Mare Déu de Montserrat* y el *Instituto Católica de Estudios Sociales de Barcelona*, entre otras²³.

É importante ressaltarmos tal avanço e ao mesmo tempo, mesmo fora do grupo, Pujol estava no meio das congregações, através da sua forte participação na Congregação de Virtèlia e no seu interesse de recuperação da catalanidade. A partir daí, participando dos diversos movimentos em prol da restauração do catalanismo, acabou por publicar suas diversas obras, tornando-se referência intelectual no debate.

Pujol e Sua Obra: “*Fer poble, fer Catalunya*”

Em 1958 temos a publicação de “*Fer poble, fer Catalunya*”, obra em que Pujol pretendia mostrar os aspectos da derrota a partir de 1939, quando Franco acaba com a Catalunha em todos âmbitos: político, cultural, econômico, social, espiritual. A nação, na sua opinião, estaria “doente”, devido ao fracasso dos republicanos e sua desorganização no pós-guerra. Pujol, nessa época, não sabia definir se os catalães eram espanhóis ou não, na verdade, era uma questão levantada por todos no mesmo período. O importante para Pujol era a necessidade de construir uma Catalunha, pois ela tinha sido derrubada e o que realmente faltava ao povo catalão era o sentimento nacionalista místico de recuperação.

A ideia deste sentimento nacional, deve ser entendida da forma que Xosé M. Núñez Seixas²⁴ destaca nos seus estudos a diferença entre nação e nacionalismo. Aqui, faltava a doutrina política que defenderia o direito da autodeterminação da nação concreta, que assumida, defenderia a sua legitimidade frente às outras. Aos poucos, construía-se esta doutrina, mas ainda faltava o principal (defendido por Pujol), um forte vínculo entre a natureza ancestral e o coletivo. Ou seja, a definição de povo para Pujol era a defesa deste vínculo ancestral coletivo, como notamos na seguinte citação:

Un pueblo es un hecho de mentalidad, de lengua, de sentimiento. Es un hecho histórico y de vocación histórica, y es un hecho de etnia espiritual. Es, finalmente, un hecho de voluntad de ser. Es esta voluntad, más que otra cosa, el que asegura la pervivencia y, sobre todo, la promoción, de un pueblo²⁵.

O povo deveria acreditar na sua ancestralidade, mesmo com o fracasso, eram um

23 ABRÃO, *op.cit.*, p.221.

24 NUÑEZ SEIXAS, *op.cit.*

25 PUJOL, Jordi. La consciència cristiana i els nacionalismes. In: *Setmana dels intellectuals catòlics francesos*. Valls: Editora Estela, p.40 apud ABRÃO, Janete Silveira. *Nacionalismo Cultural y Político: La doble cara de un proyecto único: Cataluña*. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2007, p.249.

povo de valor, que não deveria deixar de lutar. A questão social estava em primeiro lugar na reconstrução do catalanismo, dessa forma, aqueles exaltados por Pujol eram: o bispo *Torras i Bages* e o político Enric Prat de la Riba, responsáveis por construir a verdadeira Catalunha. O papel do bispo acaba por reafirmar a importância da Igreja como a alma nacional do espírito catalão, na opinião do autor. A importância da ideia de povo é central na argumentação do livro de Pujol, pois para ele “*fer Catalunya*” (para ele fazer a Catalunha novamente), precisava antes “*fer poble*”, ou seja, criar o sentimento catalão no povo, só esse poderia reafirmar a identidade nacionalista e identitária necessária para recuperação.

Desta argumentação, sustenta a sua ideia de patriotismo, no qual o povo deveria ser fiel a sua comunidade. Após constituir-se no âmbito social do povo, acreditava no âmbito em uma liberdade política capaz de integrar novamente os catalães e educá-los. Nesse momento, então, é a favor de um sistema federal, que na sua opinião: “[...] es el que mejor puede convenir a Cataluña y a la estructura plural de España”²⁶. Segundo os estudos de Abrão²⁷, também fica claro que entre o federalismo ou um estatuto autônomo, o mais importante para ele era a liberdade política do povo catalão. Queriam fazer parte das decisões da política interna espanhola, com burocratas e representantes nas mais altas esferas destas decisões, recuperando a autonomia e o espírito catalão.

Já no campo econômico, Pujol argumenta que a Catalunha e seus antigos projetos tinham uma série de problemas, por isso, aponta como solução a necessidade de uma banca catalã que faria frente ao dinamismo da economia exportadora, estimulando as vocações bancárias da Catalunha. Em 1959, seu pai (Florenci Pujol) adquire a *Banca Dorca*, transformando-se durante a ditadura na *Banca Catalana*, acabando por assumir os cargos de direção da entidade²⁸. Desta forma se deu nesta obra, a ideia de reconstrução da Catalunha no âmbito social, político, econômico, destacando os principais pensamentos e problemas à serem enfrentados para a recuperação, reconstrução do Estado Catalão.

Catalunha, um Checklist de Interpretações Possíveis

A Catalunha não é uma exceção ao *checklist* identitário, assim como apontam diversos intelectuais do nacionalismo, podemos reconhecer uma série de fatores comuns (patrimônio comum) com caráter ancestral, que reúne as representações de uma nação como por exemplo: ancestralidade do povo, língua, território, bandeira, hino etc²⁹. Antes de começarmos é importante também ressaltarmos o pensamento de Xosé M. Núñez Seixas sobre tentações de pensarmos que dentro de um Estado nacional existem nações pré-determinadas, mesmo no caso da Catalunha. Podemos observar esta ideia na seguinte citação:

Logo, ao abordar a questão dos nacionalismos no conjunto da Espanha dentro de uma perspectiva histórica, deve-se ultrapassar em primeiro lugar a tentação essencialista, que é a suposição de que dentro das fronteiras do Estado nacional existam nações predeterminadas, seja a nação espanhola, sejam aquelas que a negam precisamente (e vice-versa), quer dizer, a basca, a catalã, a galega, etc³⁰.

26 PUJOL, Jordi. *Fer poble, fer Catalunya*. In: PUJOL, J. *Construir Catalunya*. Barcelona: Pòrtic, 1980, p.91.

27 ABRÃO, *op.cit.*

28 *Idem*.

29 Cf. THIESSE, Anne-Marie. *Ficções criadoras: as identidades nacionais, Anos 90*, Porto Alegre, n. 15, 2001/2002, p.7-23.

30 NUÑEZ SEIXAS, *op.cit.*, p.491.

A mesma ideia é reforçada por Abrão³¹, quando afirma que algumas nações possuem um Estado e outras não, ou seja, o caso da Catalunha. Segundo a autora, isto ocorre porque o processo de formação dos Estados nacionais modernos, ocorre de formas diferentes em cada lugar. Dessa forma, devido aos distintos processos de formação, os Estados podem formar as nações ou serem formados por elas. Esclarecido tal pensamento, podemos seguir ao possível checklist. Existe uma bandeira na Catalunha, denominada de “*Senyera*”, reconhecida como símbolo nacional estabelecido pelo Estatuto de Autonomia da Catalunha de 1932. Ainda utilizada, teve no século XX uma modificação, acrescentou-se uma estrela, marca dos movimentos independentistas nacionalistas. Também possui seu hino nacional oficial, chamado “*Els Segadors*” (“Os Ceifadores”) – uma referência à Guerra dos Segadores, do século XVII, que retrata a forma que a Catalunha voltaria a ser triunfante – eleita pela Generalidade da Catalunha em 1993. Este hino tem o objetivo de ser uma espécie de “chamamento” para a libertação, mostrando sua força e sua bandeira aos “inimigos” (reino de Espanha).

No quesito da língua oficial, o catalão é reconhecido como a língua “nacional”, apesar de ser falado juntamente com o castelhano, do reino de Espanha. No quesito do território e dos heróis, retomam o tempo em que a repressão de Franco não tinha acabado com a autonomia da Catalunha, apagando as diferenças do território espanhol. Também possuem legislação e feriados próprios, como o caso do “Dia Nacional da Catalunha”, comemorado todo 11 de setembro, como uma forma laudatória da resistência catalã do Cerco de Barcelona de 1714. Este dia é reconhecido pelo Estatuto de Autonomia, como um dos símbolos nacionais, sendo considerado uma festa oficial. O Parlamento tem obrigação de garantir e regular o uso dos símbolos da Catalunha, como o hino, a bandeira e a festa nacional, segundo o artigo 8 do Estatuto. Para os catalães, esses são os itens mais importantes, que podemos considerar como um pequeno *checklist*, garantido juridicamente³².

Como os estudos de Abrão³³ demonstram, a Catalunha não é uma exceção ao checklist, pois atende ao que Max Weber chama de “critérios puramente objetivos de nação”, ou seja, a língua, religião, território, elementos em comum. Apesar de intelectuais como Jordi Pujol afirmarem que a questão de sentimento nacional era uma questão política, no qual todos que residem e trabalham na Catalunha são catalães, ou seja, “[...] *la nación está abierta a todos los que participan en los valores comunes*”³⁴, a questão é bem mais complexa. O catalanismo não se resume ao simples *checklist* tradicional; todavia, é complementado pelos aspectos subjetivos destacados por Weber, pelo fato dos critérios puramente objetivos de nação serem insuficientes em inúmeros casos. Não existe uma concordância quanto ao caso catalão, pois acredita-se ocorrer uma mistura de elementos do nacionalismo linguístico-cultural com o cívico-político. O nacionalismo cívico-político enquadra-se dentro do que Pujol pensa sobre valores cívicos do que é ser um cidadão catalão, vivendo, trabalhando e acima de tudo compartilhando dos valores comuns do catalanismo. Já o linguístico-cultural, também acaba por englobar valores cívicos, misturando questões ligadas à “língua nacional”, cultura, costumes, ligados à uma espécie de “cultura nacional”. Essa divisão se dá pelo fato de que tanto no século XIX com o regionalismo, romantismo, quanto no XX com Pujol e outros intelectuais, não existia uma concordância ou um projeto único na questão da reconstrução do nacionalismo Catalão. Esta ideia fica clara na citação abaixo:

31 ABRÃO, *op.cit.*

32 GUIBERNAU, *op.cit.*

33 ABRÃO, *op.cit.*

34 SCHNAPPER, 2001, p160 apud ABRÃO, Janete Silveira. *Nacionalismo Cultural y Político: La doble cara de un proyecto único: Cataluña*. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2007, p.13.

Por tanto, así como un centauro, - que el imaginario formó a partir de dos criaturas que se complementan -, las dos ideas sobre la nación catalana no pueden comprenderse por separado. Se puede afirmar, por ejemplo, que el nacionalismo catalán haciendo literatura, hacia política. Haciendo política, nunca se descuidó de su lengua y de su cultura, factores de continuidad, entre otros aspectos, de la nación. En este sentido, y a partir de lo expuesto anteriormente, se puede afirmar que el núcleo central del discurso nacionalista catalán está compuesto por la "intersección" (complementariedad) entre lengua, cultura y política³⁵.

Ou seja, Pujol e os intelectuais anteriores a suas ideias, não estão errados, pois ao discutirem questões políticas através da literatura, estão preocupando com a cultura, língua, entre outros aspectos da nação. É possível observar uma complementaridade entre política e cultura, numa alusão ao centauro (homem e cavalo ao mesmo tempo). Assim, é possível concluir que a Catalunha pode ser incorporada ao checklist tradicional; entretanto, o seu processo é muito mais complexo, sendo uma mistura complementar de aspectos que levam à formação da nação.

Conclusão

O regime ditatorial de Francisco Franco, conhecido como "franquismo", ao impor uma "identidade nacional" frente aos nacionalismos periféricos acabou por reforçar o processo de recuperação do que representava a Catalunha e o país Basco, assim como afirma Guy Hermet (1998):

A era franquista significara para elas a perda dos estatutos de autonomia obtidos na época republicana. Tinha-se traduzido por uma política de desforra do nacionalismo de tonalidade castelhana sobre os nacionalismos periféricos basco e catalão; em particular, por uma imposição do espanhol - a "língua imperial" - face aos dialectos regionais. A reparação não podia tomar outra forma que o restabelecimento da generalidade da Catalunha [...]³⁶.

Ao tentarem impor uma "identidade nacional" à Catalunha e ao país Basco, acabaram por criar um sentimento de reparação, que restabeleceu a generalidade Catalã e acabou por "ativar" os intelectuais catalães que buscaram estudar e escrever sobre a história do país, a importância da nação e do nacionalismo catalão, que deveria ser recuperado frente ao opressor (franquismo). Acabaram por influenciar os intelectuais das futuras gerações, como é o caso de Jordi Pujol, que estudou muitas obras deste período durante sua militância estudantil. Quanto mais a ditadura tentava abalar os nacionalismos periféricos, chegando a dividi-los e realmente enfraquece-los, como já abordamos na primeira seção desse artigo, eles não desistiram de reorganizarem-se para criarem o sentimento nacional e de catalanidade, no caso da Catalunha. Na opinião de Seixas³⁷, o franquismo aumentou os problemas decorrentes da ditadura de Primo de Rivera, ao impor um nacionalismo espanhol de raiz católico-tradicional que falhou em eliminar os nacionalismos periféricos, apenas abafando-os.

Dessa forma, é possível concluirmos que a Catalunha possui um embasamento teórico, ideológico e prático para justificar a sua autodeterminação e independência, retomando o seu momento inicial e criando através de seus intelectuais, assim como Jordi Pujol, um discurso de retomada da catalanidade. Talvez, aqui, fosse interessante concluirmos que a proliferação destes casos - catalão, galego, basco - possui um motivo para se arrastar até os dias de hoje.

35 ABRÃO, *op.cit.*, p.15.

36 HERMET, Guy. *História das Nações e do nacionalismo na Europa*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p.256.

37 NUÑES SEIXAS, *op.cit.*

O nacionalismo espanhol herdado do franquismo possui até hoje problemas de legitimação, tanto na direita quanto na esquerda; entretanto, essa debilidade acabou por reforçar um sentimento catalão que já estava presente nos primórdios, tendo sido rechaçado por Francisco Franco na sua dura repressão autoritária. Esse problema fica claro nos estudos de Núñez Seixas:

O nacionalismo da direita espanhola ainda hoje continua a ter esses problemas de legitimação, o que é compreensível, se considerarmos o peso do franquismo e a interrupção brusca daquela tradição do nacionalismo liberal da II República [...] A esquerda espanhola, por seu lado, parece recuperar uma forma de neo-espanholismo, que também bebe nas fontes do regeneracionismo e mais tarde do republicanismo, mas continua sem encontrar uma fórmula ideológica que lhe permita defender a compatibilidade da existência de uma nação política com o reconhecimento da plurinacionalidade cultural do Estado³⁸.

Dado o exposto, a falta de um consenso e a herança do franquismo acabou por deixar um federalismo fraco, criando identidades e movimentos regionais diversos, buscando sua autodeterminação e autonomia, como no caso da Catalunha. Este caso recebe atenção especial por não ser uma minoria e sim uma proposta com grande apoio popular, extrapolando fronteiras muitas vezes. Um exemplo claro dessa adesão popular se deu em 2006, quando os catalães no seu dia de comemoração do “Dia Nacional da Catalunha”, saíram as ruas, atingindo o número de 1,5 milhões de pessoas, pedindo a independência catalã, como o novíssimo Estado da Europa. Portanto, podemos ver como a herança desta unificação forçada acabou por deixar marcas fortíssimas até os dias atuais.

O papel da reação intelectual também ficou claro na clandestinidade, a resistência nacional e internacional, junto a formação de Pujol no contexto destas produções, como leitor, além da sua militância política e acadêmica, acabaram por influenciar o seu pensamento de reconstrução da Catalunha a partir da união do povo. A cada dia a situação da Catalunha tem sofrido mudanças, portanto só o tempo nos dirá o que aguardar sobre a independência da região. Também é possível concluir que a recuperação da catalanidade existiu sob várias tentativas nacionais e internacionais de resistência ao Estado opressor (e existe até hoje, como vimos no exemplo acima); entretanto, sempre existiu o egoísmo de alguns que não fortalece o povo Catalão, como ressalta Pujol.

O fraco processo nacionalizador imposto por Franco, infelizmente, deixou uma missão difícil para as futuras gerações lutarem por sua autonomia e independência, resgatando as suas origens culturais e étnicas da catalanidade. Portanto, assim como pensa Janete Abrão, acredito que a necessidade de respeito às diferentes culturas dentro da Espanha é um desafio que cada vez mais caminha em torno de uma solução. Acrescento que nenhuma ditadura foi capaz de apagar as diferenças, dessa forma, o respeito mútuo às diferentes culturas é o caminho para o “verdadeiro” nacionalismo.

Recebido em: 03/09/2018

Aprovado em: 07/01/2019

38 NUÑES SEIXAS, *op.cit.*, p.520-521.